

Gabriela, cravo e canela e o degelo soviético: o apagamento da primeira obra escrita por Amado após *Os* *subterrâneos da liberdade*

Marina Darmaros

RESUMO: Este artigo aponta, com base em pesquisas em arquivos soviéticos inéditos e em outras fontes, para a existência de uma obra, nunca publicada, entre *Os subterrâneos da liberdade* (1954) e *Gabriela, cravo e canela* (1958), e a transformação do posicionamento público de Jorge Amado com o discurso secreto de Khrushchov,¹ em 1956, que possivelmente ocasionou o apagamento daquela.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado; literatura brasileira; memória.

ABSTRACT: Based on inedited documents from Soviet archives, this article points out to the existence of an unpublished book by Jorge Amado between *The Bowels of Liberty* (1954) and *Gabriela, Clove and Cinnamon* (1958). This situation might have occurred after Khrushchev's secret speech, in 1956. His public speech against Stalin might have caused the extinction of that book.

KEYWORDS: Jorge Amado; Brazilian literature; memory.

1. Por trabalhar diretamente com originais russos, translitero seguindo as regras correntes do Departamento de Russo da USP, as que mais condizem, inclusive, com a pronúncia correta. Minha única exceção a essas regras é o «III», que a USP translitera como “chtch” e em cujo caso sigo as regras do *Manual da Folha de S.Paulo*, que substituiu a letra por “sch”, ao invés do “shch” da transliteração inglesa. Para as tabelas de transliteração aqui citadas, consultar: FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: Publifolha, 2005; SCHNAIDERMAN, B. *et al.* “Tabela de Transliteração do Russo para o Português”. *Caderno de Literatura e Cultura Russa*, São Paulo, n. 1, p. 393, mar. 2004. Para uma introdução às diferenças em transliterações russo-português, ver: MORAES, Eduardo Cardoso de. *Reflexões sobre a transliteração russo-português à luz da linguística saussuriana*. 2016, 46f. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

Muitos pesquisadores da obra de Jorge Amado no Brasil e mundo afora debruçam-se, principalmente, sobre aspectos interpretativos de sua literatura. Apesar disso, há ainda uma abundância de material de arquivo intocado e a partir do qual se podem inferir diversas de suas escolhas artísticas – sobretudo levando-se em conta a alta atribuição que o fator político teve sobre seu legado como autor. Este artigo foi redigido com base em documentos originais e inéditos relativos a Amado armazenados no Arquivo Estatal Russo de Literatura e Artes (RGALI, na sigla em russo), em Moscou, e no cotejamento de sua obra original, sobretudo “*Gabriela, cravo e canela*, com traduções para o russo.

O escritor baiano foi um dos estrangeiros mais lidos na União Soviética e, certamente, um expoente da literatura latino-americana traduzida ali. Amado nunca viveu em Moscou, mas sua filiação ao Partido Comunista a partir da década de 1930 e o exílio entre Paris e a Praga soviética, de 1947 a 1952, com inúmeras visitas à capital russa, certamente lhe renderam prestígio e aumentaram suas possibilidades de publicação no agora extinto país. A primeira publicação de Amado na URSS ocorre no mesmo ano em que ele conhece o soviético Iliá Ehrenburg,² em 1948, nas preparações, em Paris, onde já se encontrava exilado, para o Congresso Mundial dos Intelectuais pela Paz, realizado em Wrocław, na Polônia, no mesmo ano. Dois anos depois, já obrigado a deixar a França e vivendo em Praga, ele recebe o Prêmio Stálin da Paz, em 1951, pela obra *O mundo da paz*, em que louva o regime do ditador soviético. *O mundo da paz*, como relembra Marcos Silva,

mereceu processo da parte do governo brasileiro e depois de 1956 (denúncia das políticas de Josef Stálin por Nikita Krushev, XX Congresso do PCURSS), saiu de catálogo, atendendo a decisão do Autor, que perdura até hoje [...] – mais de sessenta anos de silêncio. [...] A desapareção editorial daquele livro – tornado raridade, disponível em poucas bibliotecas, vendido em livrarias virtuais a preços altos – é lastimável. E evidencia uma situação surpreendente: o que se anuncia como *Obra completa* de Jorge Amado é seleção, privilegia gêneros (principalmente, ficção, junto com memórias e biografias romancesa-

2. Enquanto Ehrenburg relembra, em suas memórias (EHRENBURG, Iliá. *Liudi, godi, jizn*. Moscou: [s.n.], 1967), ter reencontrado o “velho amigo” em 1949, Amado se recorda, em *Navegação de cabotagem*, de ter embarcado para a Europa, em janeiro de 1948, com desejo de conhecer ídolos como Ehrenburg. No mesmo tomo, o baiano fala sobre o contato com o soviético nos preparativos, em Paris, para Wrocław.

das) e exclui textos por vontade do Autor e/ou por desinteresse de editores, títulos como *Homens e coisas do PCB* e *O Partido Comunista e a liberdade de criação*, por exemplo.³

Assim, a questão da memória permanece oscilante na obra de Jorge Amado, com vestígios ainda hoje pouco investigados de lembranças que ele próprio tentou apagar. Uma dessas reminiscências, que apontamos como objeto principal deste artigo, é um livro que nunca foi publicado, redigido entre 1954 e 1956, período marcado por um *turning point* em sua obra e mentalidade política após o discurso secreto de Khrushchov. Sua existência foi por mim verificada em documentos soviéticos relativos a Jorge Amado localizados no Arquivo Estatal Russo de Literatura e Artes (RGALI, na sigla em russo), em Moscou. Em estenograma de uma reunião da Comissão de Países Latino-Americanos da União dos Escritores Soviéticos, datada de 8 de dezembro de 1959 e voltada especificamente para o livro *Gabriela, cravo e canela* (publicado em 1958 no Brasil), o futuro editor dessa obra em russo, que sai em 1962 na URSS, e jornalista da revista *Inostrannaia Literatura* (“Literatura Internacional”, que publicava trechos e obras literárias completas), Iúri Dashkêvitch, defende a publicação dela a outros sete membros da *intelligentsia* que discutem o destino do livro no país:

Li o romance *Gabriela* não como leitor, nem como tradutor, nem como crítico. Tive que ler como editor de toda a publicação, para publicar esta obra na revista. Ouvi com muita atenção todos os que se expressaram a favor e contra aqui, e me parece que todos nós esquecemos, por um lado, do gênero dessa obra de Jorge Amado – tudo o que foi pensado e realizado por ele nesta obra como romance satírico. Aliás, esta capa [de uma mulher sem rosto, apenas com seios, como ressaltado por outra participante da discussão] também mostra isso.

Para ser mais objetivo, trago a avaliação do romance pelo próprio Jorge Amado, que foi impressa na revista *Inostrannaia Literatura*. Respondendo a nossa enquete sobre os planos de trabalho que enviamos a todos os escritores do mundo, Jorge Amado, ainda quando *Gabriela* não havia sido finalizado, respondeu:

3. SILVA, Marcos. “Uma viagem à esquerda: Jorge Amado sem (O Mundo da) Paz”, *Revista Projeto História* – PUC, vol. 58, pp. 240-69, 2017.

“Trabalho em um romance, onde estarão refletidos os costumes e a vida de pessoas da região cacauera... /lê/⁴... Este livro é uma sátira aos resquícios feudais que imperavam então”.⁵

O estenograma não cita o conteúdo completo da resposta de Jorge, mas localizei a enquete no número 6 da revista *Inostrannaia Literatura*, de 1958, e o único complemento à resposta lida pelo editor Dashkêvitch é que “a ação do romance se desenrola em 1925, quando a vida em Ilhéus sofria diversas mudanças”.⁶ A resposta de Jorge Amado, figura carimbada nas enquetes da revista então, é bastante curta, sobretudo considerando-se que, dois anos antes, na *Inostrannaia Literatura* (1956, n. 5), ele preencheria quase duas pautas ao atender a pergunta similar sobre seus planos de trabalho –, enquanto a maior parte dos 27 respondentes da enquete na mesma edição se restringira a um ou dois parágrafos. Seu laconismo pode indicar certo distanciamento dos *gatekeepers*. O conteúdo, por sua vez, é extremamente intrigante. Naquele ano de 1956, ele diz trabalhar em um romance ainda sem nome, cuja primeira parte retrata o cotidiano, a cultura e a “ausência de preconceito racial” em uma cidadezinha pacata e típica do Brasil chamada Areia Branca.⁷ Até que um milionário chega dos Estados Unidos e compra alguns políticos. Assim, monta ali uma casa de jogo. O que vem a seguir quase nos faz acreditar que se trata de outra obra:

Inicialmente o americano é recebido com grande simpatia, já que afirma ser outra pessoa, trazer a “civilização e o progresso” à cidadezinha de fim de mundo. Mas sua “civilização e progresso” contrariam o modo de vida brasileiro, sua moral e costumes ofendem os sentimentos mais nobres dos brasileiros. Ele busca comercializar os divertimentos brasileiros, banalizar as festividades populares, impor o preconceito racial. Na segunda parte do romance, conta-se sobre ambos esses acontecimentos e sobre como a população da cidade – do velho padre católico aos elementos de esquerda –, todas as camadas da sociedade se unem e conseguem diante da prefeitura uma limitação dos direitos do americano na exploração da casa de jogo.

4. “Lê”, aqui, é a tradução exata do russo. Os estenogramas armazenados no RGALI (Arquivo Estatal Russo de Literatura) trazem diversos trechos assim, com um “lê” entre barras: significa que ali a pessoa que tinha a voz no momento estava lendo algum texto, mas o conteúdo dele não é digitado.

5. Fundo 631, lista 26, unidade de armazenamento 4471. Estenograma de reunião da Comissão dos Países Latino-Americanos da União dos Escritores da URSS de 8 de dezembro de 1959, 62 p. (Tradução minha).

6. AMADO, Jorge. *Inostrannaia Literatura*, vol. 6, p. 218, 1958 (Tradução minha).

7. Idem. “Mejdunarodnaia anketa”, *Inostrannaia Literatura*, vol. 5, pp. 195-7, 1956 (Tradução minha).

Entre essas duas partes há um capítulo em que se descreve a história de um morador de Areia Branca, o jovem negro “Filu”, que deixa a cidade para ser motorista de caminhão. Viajando pelas estradas do Nordeste do Brasil, ele vê a desgraça, a miséria, os esforços e a luta do povo, conhece a vida e amadurece. Voltando a Areia Branca no Ano-Novo, vendo as mudanças na cidade e o aborrecimento de seus moradores, Filu⁸ começa a agir. Ele consegue unir o povo. Ele une o padre com os anticlericais, faz as pazes entre velhos inimigos e os conduz a uma luta lado a lado contra o inimigo comum.

Como se vê, é um romance sobre os problemas da cultura nacional do povo brasileiro, sobre a necessidade premente de união popular para a defesa de nossa cultura e nosso modo de vida. Esse romance tem temática nacional, mas não em um sentido restrito. Uma série de personagens positivos são estrangeiros (o árabe Naguib, o espanhol Felipe). No romance, mostra-se a contribuição de imigrantes saídos do povo trabalhador à criação da nossa cultura. É um livro anti-imperialista, que conta como o imperialismo dos Estados Unidos busca rebaixar e destruir nossa cultura nacional, seu caráter nacional. O livro mostra a insuperável força do povo.

A epígrafe do livro é de um conto de Mark Twain: “Na ilha, acaba de chegar um estrangeiro. É um norte-americano. Duvidosa criação”.

Fiz sobre esse tema algo curto para o cinema. Agora isso vai virar um livro grande com 300 a 350 páginas, escrito no plano satírico. Penso que irei terminá-lo e publicá-lo neste ano.

No que diz respeito a planos futuros, penso em começar a trabalhar no segundo romance do ciclo *O muro das pedras* (o primeiro é *Os subterrâneos da liberdade*, já traduzido para o russo e publicado). Como se sabe, propõe-se falar no ciclo *O muro das pedras* sobre a luta política do povo brasileiro conduzida pelo Partido Comunista Brasileiro desde 1937 até hoje. A ação do romance *Os subterrâneos da liberdade* vai do período de 1937 a 1940. O segundo romance, *Povo na praça*, no qual pretendo trabalhar ao longo de 1956, é sobre os acontecimentos ocorridos de 1941 a 1945.

Neste romance, cujo plano está amadurecido o bastante para colocar no papel, tenciono contar como o povo brasileiro, sob a liderança do Partido Comunista Brasileiro, obrigou o governo fascista e pró-nazista a se colocar ao lado dos Aliados e entrar na guerra, como foram conquistadas as liberdades democráticas até a anistia de Prestes

8. A revista grafa o nome em russo como “Filu” (Филу). Difícil saber se essa grafia é a transliteração do que os tradutores julgaram ser a sonoridade da palavra ou se foi feita letra a letra, e o personagem não restou na *Gabriela* final.

e outros presos políticos, e sobre a atividade legal do Partido Comunista. No romance serão levantados grandes temas e conflitos como a ocupação de nossas bases pelos americanos, que usam sua posição de aliados para reforçar a pressão política e econômica sobre nosso país. Outro tema importante é a revelação da tentativa de minar o Partido Comunista por dentro, e exemplo disso é como essas atividades criminosas não apenas estorvaram sua jovem liderança chefiada por Prestes, sobrevivendo em rígida clandestinidade, mas também transformaram um partido pequeno em número de membros em um grande partido das massas.

A primeira parte do romance termina com a vitória sobre Stalingrado e a condução em profunda clandestinidade da terceira conferência nacional, a conferência da Mantiqueira. A segunda mostra a marcha da vitória do povo à democracia nos tempos em que as tropas soviéticas vencem nas frentes. A ação termina em 1945, com a instalação em São Paulo da primeira sede central dos órgãos do partido.

A estrutura do romance deixa uma série de questões que exigem obstinado trabalho. Penso em escrever no formato de um romance clássico, mas isso não significa que refutarei as formas que usei para escrever minhas obras anteriores.

Agora, junto a Astrojildo Pereira e Moacyr Werneck de Castro, monto uma antologia de prosadores brasileiros contemporâneos para a editora Izdatelstvo Inostrânnoi Literaturi. Pretendo rever para nova edição brasileira o livro *O cavaleiro da esperança*. Esses são meus planos para um futuro próximo.

Tenho planos de criar uma peça para teatro e um roteiro de cinema, mas para realizá-los, dependerá de quão rápido terminarei o romance que estou escrevendo!⁹

Porém, o discurso de Khrushchov em 1956 atrasou em mais dois anos a publicação de *Gabriela*, que sai em 1958. O enredo sofreu uma reviravolta tão grande, que não há quase coincidência com sua forma atual, não fosse a menção ao “comunista Felipe” e a “Naguib” (hoje “Nacib”, cuja diferença de grafia não sabemos se decorre de uma transliteração desacertada do russo ou de um original diverso nessa fase inicial). Se, na reunião com a *intelligentsia* soviética para discutir a publicação de *Gabriela*, Dashkêvitch terminou a leitura do artigo no trecho em que faz referência à qualidade de “romance satírico” da obra, isto bastou para que os presentes – sobretudo a ala que era contra a publicação – percebessem que não só a obra, mas o próprio Jorge Amado havia muda-

9. AMADO, Jorge. Op. cit., pp. 195-7.

do. A espiã Nadiêjda Iakóvlevna Tultchínskaia (1902-1989),¹⁰ que viveu entre Uruguai, Espanha, Argentina e México de 1930 a 1950, sob o codinome Iness, diz após a leitura: “Mas isso não deu certo”.¹¹ Presidente da mesa de discussão, a tradutora do espanhol Elena Mikháilovna Kôltchina fez coro: “Sim, não deu certo”.¹²

Apesar de todo o processo de revisão pelo qual passou o próprio Amado, depois do discurso secreto de Khrushov em 1956, que visivelmente causou as enormes alterações que observamos na elaboração de *Gabriela*, a pesquisadora Marly Tooge, que se dedica ao estudo das traduções da obra amadiana para o inglês, também nota que, paralelamente a esse lado satírico, o escritor mantém uma crítica ao sistema capitalista:

[Com *Gabriela*,] Amado deixava de escrever romances dedicados ao Partido, passando a escrever livremente e a louvar todo tipo de liberdade. Mesmo assim, a tônica da defesa das classes subalternas, a contestação e a denúncia nunca deixaram de existir em sua obra. Já a rispidez política seria substituída pelo humor e pela ironia.¹³

Ao esmiuçar o alegado afastamento de Jorge Amado das estruturas formais de esquerda, Marly Tooge conta, baseada em entrevista do escritor a Alice Raillard, que ele afirmou ter deixado de militar no Partido Comunista, sem se demitir ou ser excluído dele, ainda no final de 1955.

10. Tultchínskaia foi criptógrafa do Departamento de Relações Internacionais do Comintern e mulher do espião Abram Iakovlevitch Guralski. Nascido Abram Kheifets, segundo Panteleev, e conhecido entre os brasileiros como Boris Heifetz, Guralski também usava o codinome Rustiko. Ele partiu para a América Latina com Tultchínskaia em 1934, e “considerava seu maior êxito o engajamento do radical brasileiro Luís Carlos Prestes ao movimento comunista” (WAACK, William. *Camaradas. Nos Arquivos de Moscou: a história secreta da Revolução Brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993). Quando o casal retorna a Moscou, Guralski é nomeado instrutor do secretariado latino-americano do Comitê Executivo da Internacional Comunista (IKKI, na sigla russa transliterada). Cf. PANTELEEV, Mikhail. *Aguênti Kominterna. Soldáti mirovôï revoliutsii*. Moscou: [s.n.], 2005. Informações a respeito de suas datas de nascimento e morte foram colhidas em entrevistas da autora deste artigo com familiares de Tultchínskaia.

11. Fundo 631, lista 26, unidade de armazenamento 4471, p. 50.

12. Idem (Tradução minha).

13. TOOGE, Marly D’Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. Universidade de São Paulo, 2009, p. 39.

O 20º Congresso do PCUS, que denunciou o terror stalinista, só aconteceu entre 14 e 25 de fevereiro de 1956. O prazo entre uma coisa e outra foi tão curto que a repercussão das revelações que aconteceram durante o Congresso calou por um tempo os militantes comunistas no Brasil e seu afastamento [de Amado] do PC não gerou grande repercussão. Foi então que escreveu *Gabriela, cravo e canela*.¹⁴

○ detalhado depoimento de Jorge Amado – a respeito de um livro que, embora tivesse sua redação em andamento, nunca foi publicado – saiu na *Inostrânniaia Literatura* em maio de 1956, ou seja, três meses depois do discurso secreto. Assim, a resposta à enquete ele possivelmente escreveu e enviou por carta, como era praxe naqueles dias, ainda antes das revelações de Khrushchov. Na resposta, Jorge Amado também afirma que aquela obra já estava em elaboração em 1956 e seria finalizada naquele mesmo ano, o que não ocorre. Planejada para constituir uma arma muito mais patente de propaganda ideológica anti-Estados Unidos, a obra seria a primeira publicada após *Os subterrâneos da liberdade*. Porém, nunca foi editada. A descrição de seu conteúdo inicial também joga nova luz sobre as afirmações que o autor faz em seu livro de memórias *Navegação de cabotagem*, de que já em 1951 se desiludiu com o governo soviético.

Sua rejeição às políticas soviéticas não passou despercebida para as autoridades e a *intelligentsia*. Ainda no estenograma da discussão de 1959 sobre a publicação de *Gabriela*, Dashkêvitch continua a afirmar que o romance “tem um elemento satírico”, e complementa:

Quando Jorge Amado esteve pela última vez em Moscou, ele visitou nossa redação [da revista *Inostrânniaia Literatura*]. Lá, ele passou cerca de três horas e meia conversando conosco. Ele contou por que escreveu esta obra. Ele disse, particularmente: “Eu queria largar o desafio da literatura do chamado realismo pessimista, ou seja, a literatura da decadência, do desespero, que inunda o mercado de livros do Brasil com obras de alma sombria... Eu queria escrever um livro ensolarado que fosse lido por todos... que exigisse que o leitor pensasse sobre muitos fenômenos da atualidade”.

É evidente que essa ideia arrebatou tanto o autor, que se preparava para escrever *Gabriela* inicialmente como um livro muito menor, de umas 120 ou 150 páginas – e, como ele mesmo disse, acabaram saindo 500 páginas.

14. Idem, p. 92.

Acho que, ao avaliar este romance, temos, sobretudo, que concordar que o romance é uma obra de alto nível literário. Não é só a história curiosa da moça mulata Gabriela, não é simplesmente um romance de costumes do Brasil, mas acho que, de qualquer maneira, é uma obra satírica que esboça a realidade dessa época, do ano de 1926, que está representado no romance.

Li este romance bastante precavido. Não consegui me livrar do pensamento que, literalmente, me perseguiu. Leio a obra de um homem que teve turbulências políticas extremamente complicadas tanto em relação a Pasternak, como à Hungria. Mas esta foi a primeira obra após essas turbulências. Por isso, li este romance com bastante ceticismo.¹⁵

Com efeito, quando Boris Pasternak foi escolhido para o Nobel de Literatura em 1958 e passou a sofrer perseguição do governo soviético, sendo obrigado a recusar a premiação, Jorge Amado afirmou que a expulsão do romancista russo da União dos Escritores mostrava que o órgão ainda era controlado por elementos da era Stálin.¹⁶ Em declaração ao jornal carioca *Última Hora*, Amado chamou o caso de “terrorismo cultural” – o que o veículo de imprensa publicou, apesar de haver mantido, anteriormente, boas relações com a União Soviética.¹⁷

Localizada no RGALI,¹⁸ uma pasta relativa a Pasternak possui cópias de livros, manuscritos e documentos datilografados com breves impressões de figuras equiparáveis a Jorge no sistema editorial soviético. A pasta, que contém treze folhas, traz as opiniões de “escritores progressistas” como Pablo Neruda e do então já ex-comunista Howard Fast. Elas foram muito provavelmente retiradas da coletânea *Reação à publicação de Doutor Jivago, concessão do prêmio Nobel e perseguição a Pasternak*, publicada pelo movimento anticomunista TsOPE (Associação Central de Emigrantes do Pós-

15. Fundo 631, lista 26, unidade de armazenamento 4471, pp. 50-2 (Tradução minha).

16. FINN, Peter; COUVÉE, Petra. *The Zhivago Affair: The Kremlin, the CIA, and the Battle over a Forbidden Book*. New York: Pantheon, 2014.

17. Por exemplo, quando se iniciou uma onda de acusações de que o fundador e editor-chefe do *Última Hora*, Samuel Wainer, havia nascido na Bessarábia, não podendo, portanto, chefiar a instituição, já que a Constituição de 1946 proibia o comando da imprensa por estrangeiros, Chateaubriand disse na tribuna do Senado Federal: “[...] aquela organização jornalística [*Última Hora*] tem a dirigi-la homens que servem ao ideal soviético, financiado por um verdadeiro ‘Kominform brasileiro’”. JORNAL DO BRASIL. “O caso *Última Hora*”. 24 jul. 1953, p. 6.

18. Fundo 379, lista 5, unidade de armazenamento 295. RGALI.

Guerra)¹⁹ em München, Alemanha, em 1958. É interessante notar que as folhas são uma parcela ínfima do relatório de 68 páginas da TsOPE, e terminam com as opiniões do escritor sueco Ivar Harrie. Apesar disso, uma reprodução integral posterior, publicada por Ivan Tolstói em seu relato dos eventos ligados a Pasternak, contém também declarações de Amado (que faltam à pasta do arquivo em Moscou):

A expulsão de Pasternak da União dos Escritores Soviéticos prova que elementos sectários e dogmáticos ainda dominam na União Soviética; eles ainda tentam tolher a arte literária e impor uma única escola de pensamento – exatamente como acontecia no período de Stálin. A literatura e a arte não podem se desenvolver sem a existência de diferentes escolas de pensamento.²⁰

Em referência à repercussão dessa opinião na União dos Escritores Soviéticos, Jorge Amado diria mais tarde a Alice Raillard:

Houve um almoço na União dos Escritores. O secretário geral da União fez um discurso, saudou os escritores estrangeiros que estavam presentes – éramos vários – e, abertamente, fez alusão a minha declaração mostrando-se surpreso de que as pessoas que se diziam amigas da União Soviética divulgassem opiniões como a minha sem conhecer as coisas. Respondi-lhe que, na minha volta da China, depois do 20º Congresso, numa reunião da própria União dos Escritores, vários dos mais importantes autores soviéticos nos declararam responsáveis, ao menos implicitamente, pelos atentados à liberdade de criação durante o regime stalinista; citaram vários exemplos de obras às quais déramos apoio por pura questão de disciplina ao Partido. Eu mesmo falara bem de um romance que não valia nada, sobre a vida em um *kolkhoz* – este fora um dos exemplos. Naquele momento compreendi que era verdade, tínhamos parte da responsabilidade, e decidi que dali para frente eu diria apenas aquilo que realmente pensava. Concluí reafirmando que era monstruoso o que

19. Criado em 1952 por desertores com apoio e sob o controle norte-americano. Em 1957 o “pós-guerra” na sigla foi substituído por “políticos”, tornando-se “Associação Central de Emigrantes Políticos”. Servia tanto para estimular os emigrantes, como para propagandear ideias ocidentais, e era útil também para pessoas que não seguiam uma ideologia, mas se encontravam refugiadas. No início de 1960, porém, se dissolveu alegando falta de financiamento.

20. TOLSTOI, Ivan. *Otmiti roman Pasternaka: Doktor Jivago mejdu KGB i TsRU*. [s.l.]: Vremia, 2009 (Tradução minha. Originalmente em russo).

aconteceram com Pasternak, que ninguém, em lugar algum do mundo, tinha o direito de agir assim. Anos mais tarde, em 67, voltei à União Soviética e fui recebido na União dos Escritores pelo mesmo poeta, Alex Surkhov, que me repreendera na época. Recebeu-me declarando um poema de Pasternak... Nesse meio-tempo o escritor fora reabilitado.²¹

Jorge Amado provavelmente se refira aqui a Aleksêi Surkov (1899-1983),²² poeta e jornalista laureado duas vezes com o Prêmio Stálin, em 1946 e 1951. Professor do Instituto de Literatura da União dos Escritores, Surkov tomou parte em campanhas militares e foi correspondente de guerra. Autor de letras de diversas canções de guerra, participou das discussões para a concepção do hino soviético, além de ter sido homenageado por Konstantín Símonov, em 1941, no poema “Você lembra, Aliôsha, do caminho a Smolenschina?” (em russo, “Ti pomnish, Aliocha, dorogui Smolenschini”). Foi vice-secretário-geral da União dos Escritores a partir de 1949 e primeiro secretário entre 1953 e 1959. Sua posição na questão de Pasternak não passou despercebida: dez anos antes, ainda em 1947, ele publicou um artigo intitulado “Sobre a poesia de Pasternak” (“O poezii Pasternaka”) contra o escritor. Sobre Surkov, Liliana Zinôvievna Lunguiná (1920-1998), tradutora literária e filha do vice de Lunatchárski, diria: “Era um homem mau, engenhoso, perigoso, um típico ‘apparatchik’”.²³

Nesse sentido, porém, um documento nos arquivos da União dos Escritores ampara a conjectura de uma possível rixa gerada ali. No *Relatório sobre as atividades literárias e sociais de Jorge Amado*, datado de 1951, 1955 e 1960, lê-se que “depois do 20º Congresso, Amado apresentou-se com artigos bastante pessimistas dizendo que não via ao seu redor nada além de sangue e sujeira” e que “O ‘caso Pasternak’ também despertou uma reação negativa [no escritor]. Amado chegou até a enviar um telegrama de protesto à União dos Escritores”.²⁴ O documento também trata da criação da revista *Para Todos* de forma menos otimista do que as notas sobre esta na publicação soviética *Inostrannaia Literatura*, e a liga às mudanças ideológicas de Jorge quanto ao realismo:

A revista tinha por meta unir as mais amplas classes da *intelligentsia* brasileira, com o objetivo de criar uma frente nacional unificada de luta pela independência nacional.

21. RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990, pp. 208-9.

22. Apesar de “Alex” ser diminutivo de “Aleksandr”, não de “Aleksêi”.

23. Funcionário em tempo integral, devoto do partido ou do governo soviético.

24. RGALI Fundo 631, lista 26, unidade de armazenamento 4479 (Tradução minha).

Visando a contribuir para a realização desses objetivos, Amado rejeitou a apresentação crítica de problemas sociais na atividade literária. Esse princípio foi pronunciado por Amado em entrevista a I. Gravin. Amado anunciou que é importante ao escritor progressista incluir em sua obra elementos nacionais. A colocação de quaisquer tarefas sociais não é obrigatória. A expressão prática dessa nova tese sobre a literatura progressista na prática foi o romance de Amado *Gabriela, cravo e canela*, que saiu em 1959 [sic]. De acordo com a opinião da imprensa burguesa, essa obra de Amado é um “evidente retorno do romancista ao passado do romance verdadeiramente artístico que surge após uma série de livros seus pouco artísticos, porém sociais”.

O romance *Gabriela, cravo e canela* é, em essência, em alguma medida, uma analogia da burguesia. A crítica burguesa aclamou altamente a obra de Amado. Amado, por sua vez, recebeu 5 prêmios nacionais pelo romance (um deles, o prêmio do PEN Club do Brasil).²⁵

No caso da Revolução Húngara, levante popular iniciado no país em 23 de outubro de 1956 contra o governo soviético, o jornal *Para Todos*, editado por Amado, teria tomado posicionamento contrário ao PCUS, segundo o escritor afirma a Raillard.²⁶ São, porém, apenas três as menções ao país em 1956 no veículo. Já a criação de *Para Todos* foi anunciada pela *Inostrannaia Literatura*, e suas matérias, divulgadas inúmeras vezes pela revista. Nenhuma delas é, tampouco, direta ou incisiva quanto à crise instaurada no país da Europa central. Outra meia dúzia de menções *en passant* à Hungria no jornal de Jorge Amado ocorre em 1957, raras tocando a crise ou emitindo qualquer juízo de valor quanto a ela – a mais próxima de tangê-la anuncia a exigência, pelo Comitê Nacional de Escritores Franceses, de notícias sobre o filósofo húngaro György Lukács, enquanto outra noticiava que ele estava vivo e refugiado. Em meados de outubro de 1956, no calor dos acontecimentos húngaros, a única menção de *Para Todos* ao país é feita por meio de um poema dedicado a um compositor antifascista refugiado nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, antes da ocupação soviética na Hungria – e decepcionado com o exílio, portanto quase pendendo para o lado soviético, como se segue:

25. Idem.

26. RAILLARD, Alice. Op. cit., p. 214.

Concerto de despedida de Bartok (Budapeste em 1941)

Georgy Somlyó

Ao deixar a pequena, a nossa doce Hungria,
Curvou-se o que jamais na vida se curvara
E a floresta das mãos, ruidosa, observai
Já o público não é, mas campo de guerreiros,

Que súbito na dor de todos, e na música,
Sentiu crescer em si a vaga de suas forças.
E, mais amargo e atroz, como jamais outrora,
O apelo da batalha, a ação de qualquer forma

E para erguer o tempo um dique a esta ameaça
E para dar um nome a todas as revoltas,
As grades rebentar, os lábios contraídos...

Lá vai correndo o mundo a rota proscrita.
E cada qual de nós também lá segue em busca
Do lar como um proscrito em sua própria pátria.²⁷

Assim, apesar de Dashkévitch citar um posicionamento amadiano reprochável do ponto de vista soviético, as críticas do escritor baiano se mostraram bastante veladas. Elas também não refletiram totalmente em suas relações com os *gatekeepers* soviéticos, que continuaram publicando-lhe a obra, inclusive Gabriela pesares. As próprias menções de Jorge Amado à crise húngara na época são hoje objeto de discussão. Por exemplo, as referências contemporâneas a um suposto artigo intitulado “Lama e sangue” sobre os acontecimentos na Hungria²⁸ parecem dizer respeito, na realidade, à resposta de

27. SOMLYÓ, Georgy. “Concerto de despedida de Bartok (Budapeste em 1941)”, *Para Todos*, vol. 11, p. 11, 1956.

28. “O levante húngaro fez com que alguns membros deixassem o partido. Foi o caso do romancista baiano Jorge Amado, que chegou a escrever um artigo intitulado ‘Mar de lama’, no qual condenou a invasão da Hungria”, escreve Maria Aparecida Aquino (apud RABÓCZKAY, Tibor. “Hungria 1956, a

Jorge Amado ao artigo, no jornal *Voz Operária*, “Não se pode adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças”, do redator João Batista de Lima e Silva. A íntegra da “Carta de Jorge Amado a J. B. de Lima e Silva” se segue:

Meu querido Batista: Venho de ler teu artigo na *Voz* (Não se pode adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças) e apresso-me em trazer-te meu abraço e minhas felicitações. Artigo pioneiro, artigo necessário, abrindo um debate que está “em todas as cabeças” e que, como ainda não saiu das cabeças, sufoca todos os peitos, impede toda a ação, todo o trabalho, pois ninguém pode ter entusiasmo (falo, é claro, de gente honesta e sã e não de oportunistas e carreiristas) quando se sente cercado de sangue e lama e quando as consciências exigem que uma profunda, clara, completa e absolutamente livre análise dos erros seja feita, e de público, da qual todos participemos, desde o mais alto dirigente até a grande massa, que é a nossa própria razão de existir. Aproximamo-nos, meu caro, dos nove meses de distância do xx Congresso do PCUS, o tempo de uma gestação. Demasiado larga essa gravidez de silêncio e todos perguntam o que ela pode encobrir, se por acaso a montanha não vai parir um rato.

Creio que devemos discutir, profunda e livremente, tudo o que comove e agita o movimento democrático e comunista internacional, mas que devemos, sobretudo, discutir os tremendos reflexos do culto à personalidade entre nós, nossos erros enormes, os absurdos de todos os tamanhos, a desumanização que, como a mais daninha e venenosa das ervas, floresceu no estrume do culto aqui levado às formas mais baixas e grosseiras, e está asfixiando nosso pensamento e ação. Nisso todos temos responsabilidades, uns mais, outros menos, e é com a consciência dessa responsabilidade, humildemente, que devemos vir, como homens honrados que somos, perante o povo brasileiro, com ele discutir e dele – finalmente! – algo aprender.

Sou dos que têm confiança, meu caro Batista. Sinto a lama e o sangue em torno de mim, mas por cima deles enxergo a luz do novo humanismo que desejamos acesa e que foi quase submergida pela onda dos crimes e erros. Confio em que não exista homem honrado

revolução antitotalitária”. *Jornal da USP*, ano XXII, n. 781, 23 a 29 out. 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp781/pag1213.htm>. Acessado em: 6 jul. 2017). Provavelmente ela se refere ao artigo intitulado “Carta de Jorge Amado a J. B. de Lima e Silva”. O “divórcio” em relação ao Partido Comunista Brasileiro é um capítulo à parte e merecedor de uma tese inteira a respeito, já que Jorge dizia ter se afastado, mas a instituição afirma que ele nunca se desligou formalmente.

entre nós que deseje ou tente impedir essa discussão indispensável e que tanto tarda: nem que deseje, sob qualquer pretexto, limitá-la ou bitolá-la, dirigi-la a seu bel prazer. Isso pertence a outro tempo, ao da mentira, ao do mandonismo, do espírito de seita, da humilhação do ser humano, da negação do homem. Porque se assim sucedesse, as consequências seriam terríveis para todos nós e para aquilo que é a nossa própria razão de ser. Creio que muito se errou, mas ainda creio na forma honrada como se errou. Eis por que espero que essa discussão continue aberta, sem limitações de qualquer espécie. Porque qualquer razão que fosse apresentada visando a impedi-la ou limitá-la significaria apenas o desejo de esconder a verdade e de entrar o irresistível avanço da democracia em nossa pátria, a marcha do nosso povo para o futuro.

Apesar de Amado escrever duas vezes sobre estar “cercado de lama e sangue”, sua crítica é voltada sobretudo à falta de abertura para a discussão dos fatos pelo Partido Comunista Brasileiro, e nela intriga outra afirmação que pode ser lida de maneira favorável pelos *gate-keepers* soviéticos: “Creio que muito se errou, mas ainda creio na forma honrada como se errou”. Assim, a meu ver, Amado conseguiu emitir uma mensagem ambígua que agradava tanto a seus *publishers* norte-americanos, como aos soviéticos, com a ideia de que crimes houve, mas esses foram cometidos com intenções nobres. Nos Estados Unidos o efeito de *Gabriela* à luz dos acontecimentos da época reflete essa ambiguidade:

Gabriela representa sem dúvida a liberação artística do senhor Amado de um longo período de compromisso ideológico com a ortodoxia comunista. Ele não teve que fazer uma declaração pública a respeito de sua presente visão para mostrar que sua integridade artística prevaleceu sobre a linha intelectual partidária. Ficou chocado com o derramamento de sangue na Hungria e criticou publicamente o manejo soviético do caso Pasternak e nessas recentes reações ele está muito próximo a intelectuais europeus como Jean-Paul Sartre, de quem é amigo pessoal. O senhor Amado continua a seguir de perto o desenvolvimento econômico do Brasil, mas está completamente convencido de que doutrinas rígidas extraídas da experiência russa são agora de pouco valor para o Brasil, onde ele acredita que as mudanças democráticas e pacíficas ainda são possíveis.²⁹

Aqui também é interessante notar uma carta de Jorge Amado a Iliá Ehrenburg, que estava então em Estocolmo, localizada no RGALI,³⁰ datada de 31 de março de 1956, do

29. ONÍS apud TOOGE, Marly D'Amaro Blasques, op. cit., pp. 95-6.

30. RGALI Fundo 1204, lista 2, unidade de armazenamento 1207.

Rio de Janeiro, e extremamente amassada e suja.³¹ Na missiva, o brasileiro fala sobre as publicações de Ehrenburg que agencia no Brasil. Ele conta que *Degelo* sairia entre junho e julho daquele ano no país e estava sendo vertido direto do russo por José Guilherme Mendes – “jornalista que te visitou com uma carta minha no verão passado”, acrescenta. Menciona também o lançamento de “um grande quinzenário de cultura, em forma de jornal (como *Lettres Françaises*), amplo politicamente, que irá sem dúvida ser extremamente útil à causa da paz e do qual sou diretor”. Com essas tarefas, Jorge Amado justifica a impossibilidade de visitar o russo na Suécia, lembrando, porém: “[...] mas estará presente à reunião o nosso caro Valério Konder, a quem peço ajudares com o mesmo interesse de sempre na solução dos problemas que ele leva a tratar”. Além de lembrar que envia charutos, um cheque de 250 dólares americanos pelos primeiros 5 mil exemplares de *Degelo* e expressar saudades, Amado menciona, com a jocosidade de quem já falou antes sobre o assunto com o velho amigo, o discurso secreto de Khrushchov, apenas um mês após seu acontecimento:

Como gostas de histórias divertidas, quero contar-lhe que acabo de receber uma carta de Enrique Amorim, cujo conteúdo é o seguinte: “O xx Congresso vem de abolir o culto à personalidade. Um dos exemplos mais marcantes desse culto à personalidade, politicamente errado e daninho, é o culto desenfreado à personalidade do sr. Pablo Neruda. Sobretudo da parte dos franceses. Ante as decisões do xx Congresso é necessário terminar com isso. Abaixo Neruda!”. Como tu vês, o xx Congresso abala também os arraiais da literatura latino-americana e logo contra o nosso querido Pablo que, aliás, está tranquilamente no Chile amando e escrevendo novas Odes. Dele tive notícias ultimamente e está bem.

Pode-se, portanto, imaginar que Jorge Amado não foi pego de surpresa com o discurso secreto de Khrushchov, e que certa mudança no posicionamento público do escritor não se deu pela completa transformação de seu pensamento, mas sim da opinião pública, o que o levou a enterrar um livro que nunca existiu formalmente, exceto para os leitores da *Inostrannaia Literatura*, entre *Os subterrâneos da liberdade* e *Gabriela, cravo e canela*. Mas a existência de esboços de tal livro nos arquivos de Jorge Amado em Salvador ainda é um mistério, dado o destino que este rendeu a *O mundo da paz*.

31. A impressão é de que ela teria sido jogada fora e recuperada posteriormente.

Marina Darmaros é doutoranda do Departamento de Cultura e Literatura Russa da Universidade de São Paulo e, atualmente, pesquisa as conexões entre o escritor brasileiro Jorge Amado e a União Soviética, com foco no *gatekeeping* e no cotejo da obra original com suas traduções para o russo, além de documentos dos arquivos soviéticos.